

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica  
23 a 25 de julho de 2017

GRUPO DE TRABALHO 04: O ENSINO DA DIVERSIDADE NA SOCIOLOGIA  
DO ENSINO MÉDIO: ESTRATÉGIAS PARA EDUCAÇÃO DE GÊNERO E  
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA

**“PROCURA-SE REPRESENTAÇÃO NEGRA!”: LITERATURA DE CORDEL  
COMO RECURSO PARA AS AULAS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO**

Diego Ramon Souza Pereira (SEC-Ba/UFBA)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Docente de Sociologia da Educação Básica na Bahia (Secretaria de Educação do Estado da Bahia). Tutor do curso de Especialização em Ensino de Sociologia no Ensino Médio (UAB/UFBA). Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais pela UFS (Universidade Federal de Sergipe). Especialista em Antropologia com ênfase em Culturas Afro-brasileiras pela UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: diegoramonsouza@gmail.com.

## **Resumo**

A literatura pode ser usada como recurso, para a compreensão da realidade social assim como tornar-se um excelente instrumento de reflexão para pensar questões como: sexualidades, relações de gênero, relações raciais e étnicas, entre outros que marcaram e ainda repercute na construção das identidades dos sujeitos/alunos. O imaginário social representado nos cordéis de Leandro Gomes de Barros aponta características moralizantes no período do fim do século XIX, em relação ao ser negro, trazendo em seu texto elementos que possam retratar o racismo científico vigente no pensamento intelectual dos primeiros anos da República (Vianna, 1932; Rodrigues, 1905; Schwarcz, 1993). A partir do cordel intitulado “Romano e Ignácio da Catingueira” pretendeu-se compreender se a existência de traços de racismo científico e como este se insere na escrita do cordelista. A partir disso foi feito em sala de aula: identificações de similitudes entre a representação negra no cordel e o pensamento racializador do começo do século XX, entendimento de que o fazer literário não está fora do contexto socio-histórico do literato (Bourdieu, 2005). Assim os cordéis podem e devem ser utilizados como um recurso metodológico para as aulas de Sociologia no Ensino Médio.

**Palavras-chaves:** Cordéis, Racismo Científico, Sociologia no Ensino Médio

## **TRAÇOS INICIAIS**

Esta comunicação é um entrelaçamento entre a carreira docente na disciplina de Sociologia na cidade de Lauro de Freitas (região metropolitana de Salvador) e as minhas inquietações acadêmicas no mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, percebendo com isso uma prática de professor-pesquisador, às vezes não tão fácil devido as adversidades contemporâneas, todavia o caminho encontrado por mim foi o alinhamento da prática docente com o objeto de pesquisa.

Por conta disso e alicerçado pelos documentos legais, especialmente as Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que direcionam a disciplina de Sociologia na Educação Básica os quais possuem por escopos principais o despertar do pensamento crítico e a desnaturalização de padrões sociais estabelecidos na prática escolar ou melhor

“no chão da escola” tais objetivos muitas vezes são abafados por uma classe de professores conteudistas e por um pensamento escolar restrito ao livro didático.

Como forma de superar esta realidade, que em muitos momentos também me sinto inserido, passei a utilizar, nas aulas e a pesquisar, a literatura como um recurso para as aulas de Sociologia no Ensino Médio (EM), para a compreensão da realidade social assim como tornou-se um excelente instrumento de reflexão e de introdução do conteúdo didático, especialmente para pensar questões como: sexualidades, relações de gênero, relações raciais e étnicas, entre outros marcadores sociais da diferença que marcaram e ainda repercute na construção das identidades dos sujeitos/alunos juvenis.

Na busca de envolver os discentes em torno da disciplina, passei a explorar o uso da literatura em sala de aula. Neste sentido esta comunicação possui por problema de investigação: “Quais contribuições pedagógicas da literatura de cordel nas aulas de Sociologia no EM?”. A partir disso está comunicação possui quatro momentos, sendo os: exposição dos atuais principais marcos regulatórios da Sociologia no EM, que são as OCNs da disciplina e os PCNs da área de Ciências Humanas; no segundo momento o uso da literatura de cordel em sala de aula e as relações étnico-raciais; no terceiro momento as oficinas feitas com os alunos, tendo por pano de fundo o período da modernidade/civilização brasileira; por fim apontamentos conclusivos sobre a utilização da literatura de cordel nas aulas de Sociologia no EM para discussão em torno da questão racial brasileira.

## **2. MARCOS REGULATÓRIOS: O QUE NOS DIZEM AS OCNs E OS PCNs?**

Durante toda a trajetória de escolarização brasileira a disciplina de Sociologia ora fazia parte como currículo básico, ora atuava como tema transversal (OCNs, 2008). Todavia a partir de 2008 com a sanção presidencial da Lei nº 11.684 de 2 de junho do mesmo ano, tornando se obrigatória o ensino de Sociologia e Filosofia na Educação Básica (composto de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), tendo estas duas disciplinas cadeiras cativas nos últimos anos da escolarização obrigatória no caso o Ensino Médio

(Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB).

Com o retorno obrigatório da Sociologia e Filosofia para o currículo básico do Ensino Médio foi reelaborado as Orientações Curriculares Nacionais (OCNs) para o Ensino Médio, particularmente o Eixo de Ciências Humanas. As OCNs possuem um caráter de nortear o exercício da docência. É válido salientar que são orientações e não normas de doutrinação, que surgem para guiar os professores do Ensino Médio como se notar em um dos pontos que aparecem na carta direcionada aos docentes logo nas primeiras páginas das OCNs.

Nesta configuração, ainda incipiente e não canônica, o Ensino de Sociologia, quando comparada a disciplinas já “tradicionais” das ciências humanas como História e Geografia, percebe-se que experimentações metodológicas são passíveis de teste, neste sentido o estudo do pensamento social pode-se valer de variados instrumentos metodológicos para que se compreenda a produção intelectual de uma determinada época acerca das estruturas da sociedade, ou melhor, do conhecimento científico produzido (BOURDIEU, 2005).

Primeiramente deve-se perceber a diferença entre a disciplina Sociologia e a ciência Sociologia. Tais denominações representam as divergências territoriais e de ênfase dadas à disciplina Sociologia, aquela a ser ministrada na Educação Básica, particularmente no Ensino Médio. Conforme será tratado no Art. 35 da Lei 9394/1996, o Ensino Médio possui por finalidade, segundo o inciso III, “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, por conta disso a ênfase dada pelas OCNs passeiam por categorias das Ciências Sociais em que visem contribuir para o desenvolvimento da pessoa humana.

Já a ciência Sociologia apoia-se na teoria sociológica, a exemplo de autores como Emile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, seus aportes metodológicos, os fenômenos estudados por eles e suas escolas analíticas. Por conta disso, para a disciplina Sociologia “Deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução histórica das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens - como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo” (OCNs, 2008, p. 107).

De acordo com isto, a teoria sociológica deve estar pulverizada em discussões temáticas sugeridas pelo docente ou propostas pelos alunos durante

as aulas. O fragmento acima também nos expõe que o conteúdo a ser ministrado no Ensino Básico é o das Ciências Sociais, por isso as incursões temáticas devem mesclar conceitos além dos da Sociologia, também as categorias de análise da Antropologia, exemplo: identidade, etnia, raça, alteridade, parentesco, sexualidade, gênero entre outros. Assim igualmente é proposto na Ciência Política, como por exemplo: poder, soberania, Estado, democracia, partidos políticos e outros.

As OCNs iniciam uma discussão em torno dos projetos de “interdisciplinaridade” a respeito do conhecimento Sociológico com os demais saberes (Biologia, História, Geografia, física entre outras). A orientação é tratar de temas transversais, respeitando os olhares de cada ciência, entretanto são desfavoráveis aos projetos de currículos escolares que retirem a Sociologia e que seu conteúdo, seja ministrado, por exemplo, pela História ou pela Geografia, a justificativa parte da análise peculiar que só o Cientista Social pode desenvolver em torno do fenômeno social estudado.

Em outro momento as OCNs tratarão da presença da disciplina Sociologia efetivamente no Ensino Médio. O diálogo inicia-se com a questão do conteúdo, uma vez que não há um currículo de Sociologia consagrado ou canonizado como ocorre, por exemplo, nas disciplinas de História e Geografia. Os autores demonstram uma vantagem e um risco; a vantagem é em relação à liberdade do professor em escolher o conteúdo e a desvantagem surge da angústia das escolhas destes temas e como trabalhá-los associando com os conceitos sem tornar a aula uma palestra temática.

No intuito de superar este impasse e de analisar como que esta “flexibilidade” de conteúdo está sendo discutida nos livros didáticos, por exemplo, é que os autores revelam a tríade que guia os conteúdos: conceito, tema e teoria. Resumidamente estas três dimensões inicia: a teoria atrela-se a explicação e compreensão, os conceitos estão ligados com os discursos, os saberes acadêmicos, e os temas concatenados com a realidade, com as observações empíricas. Seguindo a lógica exposta acima as aulas devem mesclar estes três aspectos e não privilegiar um em detrimento dos demais.

Os PCNs possuem uma proposta bastante ampla e complexa para o curto tempo que atualmente fornecido para a disciplina no ensino médio, cerca de 50

minutos por semana. Além destes objetivos, ainda cabe a Sociologia, segundo eles:

o ensino da Sociologia no Ensino Médio também deve fornecer instrumentais teóricos para que o aluno entenda o processo de mundialização do capital, em correspondência com as sucessivas revoluções tecnológicas (PCNs, 2008, p. 37).

Para se chegar a estes objetivos os elaboradores dos parâmetros das Ciências Sociais, especialmente da Sociologia, passeiam por autores clássicos, exemplo: K. Marx, M. Weber e E. Durkheim, como também por teóricos contemporâneos: Adorno e Horkheimer, Berger, Giddens, Goffman, Habermas entre outros. E vai além, propondo aos docentes do ensino em Ciências Sociais a apresentar e discutir com seus alunos, conceitos como: socialização total, teia social, castas, estamentos, classes sociais. Para finalizar os parâmetros ainda nos revela a importância de discutir as transformações do universo do trabalho, da família e do Estado, por exemplo.

De acordo com esta exposição e assim como aparece nas OCNs, a gama de conteúdo é muito ampla, não havendo tempo hábil para tantos conceitos, interlocuções ou projetos interdisciplinares. Esta gama enorme de possibilidades de ministrar o conteúdo da Sociologia possui duas consequências: a primeira, positiva, permite que o docente adapte o conteúdo à realidade dos seus discentes ou aos anseios da comunidade escolar, a segunda, negativa, tornar a disciplina um “bate-papo” eterno que nos momentos de avaliação será atribuído nota a quem falou mais.

### **3. A LITERATURA E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO E.M. E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

O estudo do pensamento social pode-se valer de variadas formas de manifestação artística como: a música, a imagem fílmica ou fotográfica, a literatura, entre outras linguagens artísticas e culturais, como instrumento para percepção da vida cotidiana, dos costumes, do pensamento social, das mudanças sociais que marcam a construção de um imaginário sobre a sociedade. Tal ideia entende que as produções artísticas, de maneira ampla,

dialogam e ao mesmo tempo contribuem para a construção de nossa representatividade como marcas de determinados períodos históricos.

Através de um trabalho interdisciplinar, percebe-se as representações presentes nas obras literárias são instrumentos de análise que potencialmente contribuem na compreensão do contexto sócio-cultural e político a qual a obra foi confeccionada. Candido (1980), pontua que o cruzamento entre os aspectos sócio-culturais e a literatura nos revela “... a influência do meio social sobre a obra de arte e a influência desta sobre o meio; em que medida a arte é expressão da sociedade e em que medida é interessada nos problemas sociais” (p. 1). O pensamento do autor evidencia esta dupla relação, da produção literária, que é suscitar reflexão sobre as contradições da vida social e em outro viés, a literatura, segue atenta às mudanças cotidianas e não uma mera abstração dos literatos, como se pensava, estes dois elementos não são díspares e sim complementares ou interligados, sociedade e literatura.

Outro autor que também se fez necessário neste debate, entre literatura e sociedade é Pierre Bourdieu, conforme exposto na obra “As regras da arte” (2005), em que a partir da análise da obra literária de Flaubert, literato francês do século XVIII, aponta para a produção literária não ser simplesmente “arte pela arte” há fatores exógenos que influenciam ou que rondam esta produção, entre estes fatores destacam-se a economia e a política da época, por exemplo. De acordo com Miceli (2003), o pensamento de Bourdieu sobre a literatura empenha-se

...em qualificar a situação de dependência material e política dos intelectuais e artistas em relação aos grupos e frações dirigentes, como se o refinamento de apreciação das peculiaridades posicionais pudesse esclarecer tanto sua auto-imagem como as representações e as obras daí advindas. No limite, tudo se passa como se as obras e as tomadas de posição estéticas dos agentes pertencentes a quaisquer vertentes do campo intelectual se situassem num gradiente de dominação-subordinação, contrastando os produtores culturais mais dependentes aos mais autônomos perante os detentores do poder econômico e político (p. 65)

A visão de fundo estruturalista, descrita acima do pensamento de Bourdieu, aponta uma suposta determinação dos fatores exógenos (economia e política) na produção do literato e por consequência do seu fazer intelectual. Tais

fatores também aparecem no pensamento de Bastide (1983) sobre a poesia como método sociológico, em que afirma: “Para aprender a riqueza social em toda a sua farta complexidade, precisamos recorrer aos mais variados métodos, mesmo ao método poético, caso seja necessário” (p. 84). Com isso o recurso da poesia, literatura, é tão legítimo como qualquer outro instrumento de análise da realidade social.

De acordo com os autores acima citados: Candido (1980), Bourdieu (2005), Bastide (1983) e Miceli (2003) a produção literária não é alheia ao contexto social do literato, com isso, literatura e meio social se retroalimentaria. Neste sentido o texto literário, poderá ser usado como recurso, para a compreensão da realidade social. Candido (1980), debruçou-se sobre a relação da literatura prosaica romanesca canônica produzida no final do século XIX, especialmente as obras do período Realista e Naturalista, com o contexto-social da época, deixando com isso uma carência acerca da análise da produção poética literária popular, particularmente o folheto de cordel.

O período da *Belle Époque*, contexto social já apresentado nos romances analisados por Candido, recorte histórico desta comunicação, configurou-se como um processo sócio-histórico-político ocorrido na França que didaticamente é compreendido entre o final do século XIX e segue até a Primeira Guerra Mundial (1918). Conhecido como a era de ouro, da beleza e da paz entre a França e seus vizinhos europeus, cujas mudanças radicais no cenário social, tanto a nível artístico com os cafés-concertos, o cinema, o balé, o teatro, a alta costura entre outros elementos de refinamento e rebuscamento de detalhes, nesta configuração Paris, a cidade luz, torna-se o grande exportador e produtor de cultura mundial, como também passa a ser a referência de cidade civilizada e moderna, com telefone, telégrafo sem fio, automóvel, ruas calçadas, bondes, livrarias, onde todos os cidadãos são livres, iguais inseridos em um contexto de fraternidade. Devido as diversas viagens da intelectualidade brasileira, à época, para Paris, esta cidade torna-se o modelo de cenário social, cultural e político a ser seguido e implantado pela nova república, com isso a *Belle Époque* no Brasil toma corpo a partir de 1889 e segue até 1922, com a Semana de Arte Moderna (NEEDELL, 1993).

Neste intervalo histórico brasileiro, início da República e a Semana de 1922, a intelectualidade brasileira, destaca-se especialmente os literatos



cânones, expressa em sua arte poética ou prosaica, que o único modelo de modernidade e de projeto civilizatório, é a cidade luz, só com “Manifesto Antropófago” (símbolo Modernista) que a nossa cultura e as nossas particularidades, clima, povo e outros elementos serão destacados e vistos como um modelo ímpar, positivo e possível de um projeto particular de civilização/modernidade.

Conforme dito acima o discurso produzido pela intelectualidade brasileira, exaltava os elementos sociais, culturais e políticos franceses todavia ainda existe uma lacuna investigativa quando refere-se ao discurso presente na poética popular. Neste mesmo período histórico analisado por Candido teve os primeiros registros da existência da literatura de cordel em que a primeira geração de cordelista<sup>2</sup>, ou criação do campo<sup>3</sup> literário popular escrito do nordeste, tem se por principais características: constituição do público leitor (formado em sua maioria por analfabetos e semi-analfabetos), estabelecimento das formas de produção e distribuição, definição das regras do gênero modelando estilo e tema. Neste sentido o tema, a estética e a linguagem do cordel deve ser atraente e de fácil entendimento, por isso mesmo que de maneira escrita, o cordelista deveria manter a rima e a métrica em sua produção, para que fosse facilmente memorizada, cantada e compartilhada coletivamente. Estas “regras iniciais” também passaram pelo início das tipografias específicas e dos materiais tipográficos de baixo custo, viabilizando assim a comercialização e difusão dos cordéis.

Mesmo que ainda não se tenha uma precisão para a origem da literatura de cordel, entretanto nesta pesquisa será adotado a perspectiva de Abreu (1999) que afirma que a literatura produzida no nordeste e divulgada nas feiras livres foi

---

<sup>2</sup> Composto pelos cordelistas: Leandro Gomes de Barros (1865-1918, PB), Antonio Ferreira da Cruz (1876 - ?, PB), Francisco das Chagas Batista (1882-1930, PB), João Melquíades Ferreira da Silva (1869 -1933, PB), Silvino Pirauá de Lima (1848-1913, PB) e José Camelo de Melo Resende (1885 – 1964, PB). Estes autores são citados no Projeto Literatura Popular em Versos na Fundação Casa de Rui Barbosa, cujo acervo iniciou em 1960 e conta atualmente com mais de 9000 exemplares catalogados, sendo considerada a maior coleção de folhetos da América Latina (Fundação Casa Rui Barbosa - FCRB, 2015).

<sup>3</sup> De acordo com P. Bourdieu (1996) a categoria campo basicamente aponta: as práticas específicas de um determinado espaço social (fragmento da realidade social) e a posição social dos agentes na configuração hierárquica da lógica deste espaço (cultural, jornalístico, científico, educacional, literário entre outros). Esta segunda premissa tem por principais consequências: a noção de disputa subjacente a posição hierárquica do agente e a figura (s) de “autoridade” nos ditames de regras do que faz parte ou não do campo.

originada na Literatura oral da Península Ibérica e que a memória coletiva e popular nordestina encarregou-se de preservar e transmitir. Os temas destes folhetos portugueses giravam em torno da narrativa do amor e sofrimento, dos mitos heróicos, das aventuras de cavalaria, entre outros.

A produção do cordel também passa pelas ilustrações, quase sempre presente na capa, largamente usado pelos cordelistas é a xilogravura, técnica ilustrativa utilizada desde o período medieval que basicamente constitui-se de talhar na madeira uma imagem a qual será prensada junto ao papel podendo o relevo feito na madeira ser destacado com tinta. Esta técnica não necessariamente é feita pelo próprio cordelista, de toda a sorte é a imposição da imagem frente ao texto que ajudará no entendimento da história, pelo público leitor em sua grande maioria semi ou não alfabetizado, contada ao longo das páginas, imprimindo assim um traçado rude, forte e de bela expressividade ao cordel (FCRB, 2015).

É indispensável salientar que a utilização das artes, especialmente da literatura popular, como recurso para as aulas de Sociologia, deu-se especialmente por uma inquietação dos jovens alunos, sendo a faixa de idade dos alunos aos quais trabalho variando entre 15 a 18 anos, portanto jovens e em sua grande maioria negros, assim auto-declarados, e moradores da periferia soteropolitana. Então assim como em muitas situações juvenis, estes estudantes não se encontram fora de um contexto de precarização das relações familiares, dos afetos, situações de vulnerabilidade social, de extermínio e de desemprego, conforme já apontado e denunciado por pesquisadores negros nos anos 70 e 80 (Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez e outros).

Como forma de agregar estes jovens estudantes para uma discussão acerca da desconstrução de práticas de violência e de relações de vulnerabilidade presentes na escola e fora dela, é que passei a inserir nas aulas de Sociologia, recursos artísticos, como obras literárias, pinturas, música entre outros, todavia o que mais houve aceitação foi a literatura popular, o cordel. O imaginário social representado na literatura de cordel apontando características moralizantes, período da *Belle Époque*, em relação ao ser negro, trazendo em seu texto elementos que retratam o racismo científico vigente no pensamento intelectual dos primeiros anos da República (VIANNA, 1933; RODRIGUES, 1905; SCHWARCZ, 1993). Com o processo de mestiçagem já corrente no

percurso histórico brasileiro, desde o início da colonização de povoamento do nosso país, passou a conflitar com o projeto de civilização pulsante no início da república, já que conforme apontado por Schwarz (1993) era notório que o processo migratório europeu do nosso país, tão estimulado pelo recém-criado estado brasileiro tinha como pano de fundo a extirpação genotípica dos africanos e ao longo do tempo a branquitude fenotípica da população, conforme apontava as teorias racialistas vigente, destaque para o pensamento de Lombroso.

O resultado deste pensamento era com isso os filhos e filhas das relações sexuais entre sujeitos dos diversos grupos étnicos, seres mestiços, o determinismo biológico, as marcas das práticas servis e da escravidão são elementos básicos que aparecem no pensamento intelectual de Nina Rodrigues (1905). Este autor passa a se debruçar sobre os caminhos da nação<sup>4</sup>, sendo a mestiçagem, de acordo com ele, o real motivo do nosso atraso. Neste sentido o centro de análise para o autor é o tema racial e os seus envoltórios. Com isso, as teses evolucionistas que rondam o pensamento da intelectualidade brasileira, no século XIX, são associadas às idéias racialistas importadas por Rodrigues (1905), para a compreensão do fenômeno da mestiçagem em terras tupiniquins.

#### **4. MODERNIDADE/CIVILIZAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES NEGRAS EM SALA DE AULA**

O cordel “Romano e Ignácio da Catingueira” de acordo com a catalogação da Fundação Casa de Rui Barbosa feita de acordo com os endereços impressos nos fundos dos cordéis de Leandro Gomes de Barros, pertencente a primeira geração de cordelistas, informa que o mesmo dataria entre 1910 e 1912. Em relação a caracterização dos personagens, o cordel aponta, sobre o senhor Romano: “Vomitando fogo azul, Desmancha negros nos ares” (p. 9), já Ignacio da Catingueira, seu sobrenome, é citado por Romano ao longo do cordel, como

---

<sup>4</sup> Anderson (2008) na obra “Comunidades imaginada” refuta a ligação eurocêntrica de nação que atrela este ao movimento imperialista do final do século XIX. Este teórico afirma que a nação deve ser entendida como uma comunidade limitada, soberana e, sobretudo, imaginada. A noção de limitada remete ao quanto maior que ela seja, sempre haverá fronteiras finitas; soberana pois pressupõe lidar com um grande pluralismo (intelectual, cultural e outros) e finalmente imaginada, porque seus indivíduos, mesmo não conhecendo integralmente uns aos outros, compartilham signos e símbolos comuns, que os fazem reconhecer-se como pertencentes a um mesmo espaço imaginário. Neste sentido a literatura de cordel inseri como uma ferramenta de compartilhamento de imaginário.

o local que ainda seria escravo de um senhor. Ignacio é descrito como “(...) quando se assanha, (...). Cerca-se o mundo de fogo. E o negro nada teme” (p. 9).

Durante a peleja entre as personagens do cordel são trazidos à cena diversos elementos que desclassificam o ser negro, no caso Ignacio, como por exemplo: a junção da figura de Romano com a do patrício romano (figura de alto nível da sociedade romana), a companhia do negro seria o diabo, a força quase animal que o mesmo tem, a falta de capacidade para estar junto com o grupo do Teixeira, entre outros elementos.

Já Romano, além de se exaltar é também elogiado por Ignacio, como um ser temente a Deus, católico, em diversos momentos é tratado como “Meu branco”, como por exemplo neste trecho do cordel:

Meu Branco, se o senhor diz,  
Que ainda tem de me açoitar,  
Deixe dessa tentação  
Creia em Deus, cuide em rezar,  
Eu lhe juro adiantado  
Um homem só não me dar (p. 14)

Na passagem acima, Ignacio, afirma duas coisas: trata com respeito o senhor Romano e sugere a ele a crença em Deus. Conforme aponta Sodré (2005), a fala da personagem negra, de subserviência e cordialidade, mesmo já tendo ocorrido a abolição, aponta para algo mais grave que foi o processo mental de desigualdade gerado a partir do período histórico colonial brasileiro, em que o ser negro mesmo longe dos grilhões das senzalas acabaria, ainda repercutindo até os dias atuais, tendo um papel de subserviência e atribuído a ele os mais degradantes papéis sociais.

Mesmo com a subserviência de Ignacio, Romano o trata:

E que diz todo negro  
Ninguém deve acreditar  
Eu também tenho escravo  
Mando elle trabalhar,  
Quando estou fôra de casa  
Elle só quer vadiar. (p. 16)

Além da vadiagem e na palavra do negro “... ninguém deve acreditar ...”, já que o pensamento presente do período finissecular XIX, tendo por expoente Nina Rodrigues (1905), é que a culpa de todo o atraso brasileiro seria resultado

da degenerescência, malandragem e mestiçagem. E já no final da peleja é a mestiçagem citada por Ignacio, conforme aponta o exceto:

Para vossa mercê ser branco.  
Seu couro é muito queimado,  
Seu nariz achatou muito,  
Seu cabelo é agastado (p. 17)

Apesar do papel social atribuído a Romano, como de senhor branco, suas características fenotípicas já demonstraria certo processo de miscigenação. Romano é evidente que discorda da consideração de Ignacio e ainda diz “Em vir cantar com você/Baixo de dignidade” (p. 16). O fragmento acima é evidenciado o processo de miscigenação vivenciado pela população brasileira ilustrado na descrição de Romano, devido a isso o cordel contribui para pensar que apesar do pensamento racista predominante na intelectualidade da época o cordel aponta que não há pureza racial no Brasil, todavia o estigma social de subalternidade apresenta-se entre pessoas de cor de pele negra.

## **5. CONCLUSÃO**

O contexto intelectual do período finissecular XIX concomitantemente a inserção das doutrinas racialistas europeias no nosso país apontam o direcionamento tomando pelas elites (política, econômica, eclesial, intelectual entre outras) para o “problema do negro”, recém arrancado das senzalas e vagando pelas ruas de um país que estava em vias de modernização. Com isso este contexto violento deixou a população negra extremamente vulnerável socialmente e carente de um olhar para esta grande fatia da população escravizada, contexto este que repercute no imaginário das pessoas até hoje, revelando se em posições de subalternizadas (FANON, 2008).

Neste sentido a artes pode e deve ser usada como recurso metodológico nas aulas, assim como demonstrou no exemplo acima citado um excelente gatilho do despertar criativo para esta juventude, especialmente no que se refere

ao desenvolvimento e amadurecimento do pensamento crítico através da subjetividade artística.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, Leandro Gomes de. **Romano e Ignacio da Catingueira**. Recife:1910-1912.

BASTIDE, Roger. **Sociologia**. Org. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BRASIL. Conhecimentos de Sociologia. In: **Orientações curriculares para o Ensino Médio**: Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC: Brasília, Secretaria de Educação Básica, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. MEC: Brasília, Secretaria de Educação Básica, 2008b.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

FCBR – Fundação Casa de Rui Barbosa. **Acervo de Cordel**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

MICELI, Sergio. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. In: **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, abr. 2003. Disponível em<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010320702003000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702003000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 26 nov. 2012.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século. Trad.: Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nina. Mestiçagem, degenerescência e crime. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 15, número 4, out/dez, 1905.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil:1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VIANNA, Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1933.